

PPCAAM - O preço da vida

Criança e Adolescente

Postado em: 29/09/2010

O preço da vida: R\$ 10

Adolescentes, dependentes químicos e ameaçados de morte. Dívida por droga é o principal motivo.

Crack é apontado como o principal caminho entre a infância e a ameaça de morte. (Foto:

Divulgação) Veja também: • PPCAAM / PR

• Publicações: PPCAAM

• Notícias relacionadas

• Links referenciais O perfil do ameaçado de morte

A maioria é negra, pobre, tem 15 anos e

corre risco por só R\$ 10 Fonte: PPCAAM de São Paulo, Espírito Santo, Minas Gerais, Bahia,

Rio Grande do Sul e Secretaria Nacional de Direitos Humanos. Quinta-feira, 17h. Faltavam só 60

minutos para a vida de Daniel acabar. A mãe não confiava mais em dar dinheiro para o filho de 15

anos que já tinha roubado a vizinhança toda e torrado tudo em droga. "Os homens" tinham

prometido dar o tiro na cara. O medo maior do garoto, no entanto, era da sessão de porrada que

viria antes da "bala de misericórdia". Quem deve ao tráfico, é sabido, não tem morte rápida. E,

daquela vez, Daniel não tinha a menor esperança de conseguir R\$ 50 para salvar sua pele. O prazo

vencia às 18h. Por valor ainda menor, outros meninos da mesma idade de Daniel deixam a vida por

causa da dependência química. A nota de R\$ 10 que eles não entregam na "boca" para pagar o

quanto devem por uso de crack vira o preço médio de suas vidas, segundo constatou o iG nos

programas de proteção à criança ameaçada de morte em São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais,

Bahia, Espírito Santo e Rio Grande do Sul. Nunca ninguém contou quantos deles morreram por não

darem dinheiro ao mercado paralelo de entorpecentes. Sob a forma de algarismos, estes meninos

estão misturados entre os dados que fazem da violência a principal causa de morte de homens

brasileiros entre 10 e 25 anos. Estão também entre os números que contam a escalada de 32% de

homicídios nos últimos 15 anos. Frequentam ainda as informações sobre déficit de vagas para

tratamento clínico - e eficiente - para combater o vício nas drogas. Daniel tinha 50 minutos para não

fazer parte destes estudos numéricos do IBGE e Ministério da Saúde. A tentativa de salvamento foi

acompanhada pela reportagem que assistiu ao início da ação de uma rede articulada e sigilosa no

País que, diariamente, trabalha para que estes adolescentes não virem estatísticas resultantes da

parceria entre drogas, saúde falha e assassinatos. O rosto A sigla do grupo é PPCAAM: Programa

de Proteção à Criança e ao Adolescente Ameaçado de Morte. O início da atuação é o ano de 2003,

em São Paulo e Belo Horizonte. O avanço da epidemia de crack - e a consequente proliferação de

homicídios, como detectou pesquisa da PUC de Belo Horizonte - fez com que a Secretaria Especial

de Direitos Humanos tivesse a necessidade de ampliar a rede. Hoje, 11 capitais já têm o programa

de proteção, escolhidas de acordo com os níveis altos de letalidade juvenil. A missão é acolher

pessoas com menos de 18 anos e com a vida ameaçada. Além dos garotos, alguns familiares

também precisam ser protegidos. Eles mudam de bairro, de escola e de rotina por pelo menos três

meses. Em casos mais extremos, até a identidade é trocada. Orkut, MSN, celular são proibidos.

Nada pode ser transformado em pista para seus algozes. Se um deles for morto enquanto estiver

protegido, é decretado o fim do pacto de confiança selado, com muito custo, entre os agentes do PPCAAM e os meninos. Até agora, já passaram pelas mãos do programa 1.592 crianças e adolescentes, 60% deles por causa do envolvimento com o tráfico de drogas. Quando não são os traficantes que os sentenciam à morte, são fome, falta de moradia adequada, abandono dos pais, transtornos mentais, tentativas de suicídio, testemunho de crimes e brigas de gangue que dividem o ranking de outros motivos para a proteção. "Mas mesmo quando a droga não é o motivo principal para a proteção, os meninos e meninas sempre trazem algum relato que associa seus problemas ao uso de cocaína, crack e álcool", afirma a coordenadora do PPCAM do Espírito Santo, Renata Freire Batista. No mês passado, 641 jovens no País estavam tentando sair do alvo da morte violenta por meio da proteção dos PPCAAMs. Os rostos que precisam ficar escondidos têm perfil quase unânime: 76% são negros, 59% têm entre 15 e 17 anos, 95% não terminaram o ensino fundamental. Metade - apenas metade - é desligada do programa por consolidação da inserção social e cessação da ameaça. O restante? Foge, não aceita a proteção, não consegue ficar seguro sem as drogas, não encontra uma opção de tratamento público e disponível para "já". "Ou simplesmente não entende que morrer é perigoso", conta Célia Cristina Whitaker, secretária executiva da comissão municipal de direitos humanos de São Paulo, pasta responsável pelo PPCAM paulistano. "Eles já experimentaram a violência tantas outras vezes antes de chegar até nós que têm dificuldade para reconhecer como é uma vida sem ameaça", conta Célia. "São tão seduzidos pela violência, que o nosso primeiro desafio é mostrar que não há glamour em ser ameaçado." "Fichinha" Naquela quinta-feira que prometia ser a última da vida de Daniel ele só tinha medo da morte porque, uma semana antes, viu de perto como ela poderia ser cruel. Seu amigo de "rolê" não havia honrado o compromisso de pagar o que devia. Levou tiros na nuca e nas costas. Morreu na hora, estirado no beco da capital paulista. Daniel apanhou dos mesmos caras, pouco antes de assistir o menino ser alvejado. Com o olho esquerdo roxo e a voz rouca de tanto ser enforcado, ele tentava explicar a um grupo de profissionais que serve de porta de entrada do PPCAAM porque preferia o dinheiro para sanar sua dívida de R\$ 50 do que ser protegido para não acabar como o colega. "Se eu não pagar, eles vão arrombar a minha casa, matar minha mãe e meu irmão. O que vocês assistem nos programas de TV que mostram o mundo do crime é fichinha perto do que eles fazem na vida real." Daniel deu a primeira tragada no cigarro de maconha aos 10 anos. Não gostou do barato que deixava tudo "meio em câmera lenta". A cocaína era mais interessante. Adrenalina pura, conseguida no banheiro da escola, com uma só cheirada. Na primeira vez deram "a farinha" de graça. Na segunda, já cobraram. Um dia a mesada não deu mais para sustentar a droga preferida, cara demais para o bolso do adolescente. Por isso, às vezes, ele se rende ao crack. Para a boca de fumo, o garoto já levou o aparelho de som, depois os brinquedos do irmão mais novo, os CDs da mãe, o GPS do pai. Em uma dessas reviradas de gavetas na calada da noite, encontrou uma faca usada para abrir cartas. Passou a praticar furtos na vizinhança. O olhar de medo dos vizinhos começou a ser interpretado como sinal de respeito. Em segredo, a mãe até rezava para ele ser pego pela polícia. "Juro que não sei onde errei. O meu filho menor não é assim. O Daniel tinha tudo para ser o que ele quisesse. Quem na vida sonha em ser bandido?", questionava-se a mulher. Cheio de marra - a penugem escura e rala sobre o lábio indica apenas o início da puberdade - Daniel exibia na mão direita um anel de ouro falso. Ele só tinha 14 anos quando se apaixonou por uma garota de 19 e colocou a aliança para mostrar compromisso. "Sou mais ou menos noivo", disse com um sorrisinho. Pensava um dia fazer dinheiro, mudar dali e comprar um carro. Aprendeu a dirigir aos 11 anos. Adora o Orkut e a internet, onde consegue baixar os Proibidos do Funk, seu estilo de música favorito. Foi em tudo isso que ele pensou antes de se convencer que, naquele dia, não poderia voltar mais para a rotina de sempre. A mãe estava junto com o garoto na tentativa de salvamento. E junto com os outros profissionais do programa convenceu o menino a aceitar a proteção. "Sempre soube que a minha vida iria acabar uma hora. Não quero que ninguém adiante isso", falou o garoto para expressar que, sim, aceitava "ser protegido". Sem saída O destino de Daniel era incerto, o

relógio andava rápido e o grupo de funcionários precisava encontrar um local seguro para ele passar, pelo menos, uma semana. Os telefones foram disparados em busca de algum canto da cidade. Os garotos que estão no fio da navalha podem ser o fósforo que faltava em um barril de pólvora, caso encaminhados para algum local errado. Em uma das ligações, um endereço que faz parte da rede sigilosa aceitou receber o adolescente. Os ponteiros do relógio já marcavam 17h45. A mãe deu um beijo na testa dele e sugeriu "juízo". Foi embora orientada a pagar o que o filho devia caso "os homens" aparecessem. Apesar da história de ameaça relatada por aquela família, é preciso uma avaliação do Ministério Público, do Juizado da Vara e da Infância ou do Conselho Tutelar para algum menino ingressar de fato no PPCAAM. Daniel passaria por este processo enquanto provisoriamente deixava o bairro onde morava. O critério de inclusão precisa ser minucioso - e rígido - pois privar alguém de liberdade para garantir a sobrevivência não pode ser regra, precisa ser exceção. "Em várias ocasiões, identifica-se que a principal questão posta é a vulnerabilidade social e não a ameaça de morte. E, por outro lado, algumas famílias optam por buscar outros meios para garantir a proteção das crianças e adolescentes (como a casa de parentes em outros municípios), visto que a inserção no programa provoca algumas mudanças", explica Flora Luciana de Oliveira, coordenadora do PPCAAM do Rio Grande Do Sul, que começou a funcionar de maneira integrada só este ano. A decisão de quem será ou não protegido é de revirar o estômago, mas não supera a angústia vivenciada quando o PPCAAM não existia, lembra Cláudia Tourinho, coordenadora do programa da Bahia, instalado em março deste ano. "Não tínhamos saída", conta. "Muitas crianças podem ter sido mortas por não chegarem até a gente. Era muito difícil conviver com estes pedidos. Hoje, um pouco de tranquilidade é trazida com a rede. Nenhum menino que chegou até nós morreu", comemora. Valido muito pouco O rótulo "ameaçado de morte" pesa. E a origem dele é confusa, explica o juiz da Vara e Infância e Juventude de Santo Amaro (na capital paulista), Iasin Issa Ahmed, que coordenou o PPCAAM de São Paulo por três anos. "Não sabemos se é a droga que atrai a violência ou o inverso. A história de início nebuloso destes meninos tem desfecho ainda mais incerto" conta Ahmed. "Vivemos com as mãos atadas após a proteção. Se o menino está protegido e tem uma crise de abstinência por falta da droga, é muito difícil conseguir com o governo o tratamento para ele. Não há vagas. Eles fogem e, no dia seguinte, vamos escutar um novo pedido, de uma mãe desesperada, que não suporta mais a contagem regressiva para o assassinato de um filho seu." Renata Batista, coordenadora do Espírito Santo, diz que qualquer garoto, de classe média, pobre ou rico, que faz uso excessivo de droga é vulnerável à ameaça. "Mas a lógica que predomina entre os que podem ou não ser exterminados é perversa. Existe ‘os matáveis’ e os ‘não matáveis’. O primeiro grupo não tem pai, mãe nem ninguém para pagar as dívidas de drogas. E a vida destes meninos tem valido muito pouco. Não é por mil ou dois mil reais. O preço é 10 reais" lamenta. Naquele início de noite de quinta-feira, Daniel ainda não sabia de era do grupo dos matáveis ou não. O medo, nítido em sua expressão no início, agora começava a dar lugar para uma impaciência, quase incontrolável. Ele mexia as mãos e os pés sem parar. Bebeu quase dois litros de água. Já falava pouco e não olhava mais ninguém nos olhos. Índícios de que as quase 36 horas que estava sem usar cocaína estavam fazendo efeito. Os profissionais que o acompanhavam tentavam puxar assunto e pouco conseguiam entrar na mente do garoto impaciente. Ele não sabia o que era Holanda, o que impediu a continuidade da conversa sobre os planos de morar fora do Brasil. Não conseguiu escolher uma matéria preferida da escola. Não falou de música. Até que o fio condutor do diálogo, finalmente foi encontrado: ao lado do veículo em que estava, passou um carro antigo e os olhos de Daniel brilharam. "Sempre quis um desses", falou apontando a um Chevette. Mas o sorriso só apareceu quando falaram de super-heróis. "Sou fissurado naqueles heróis que são mutantes, sabe?", disse o garoto. X-men e sushimen Quase todos os garotos que ingressam no PPCAAM sofrem mesmo da "síndrome de super-heróis". Primeiro porque são garotos, o que torna a fantasia natural. Segundo porque enfrentam enredos que parecem existir só em filmes de ação, em que bandidos e mocinhos não têm

função definida. "São super-heróis que dão o mesmo valor para a vida e para morte", compara Célia, a coordenadora do PPCAAM paulistano. Às 21h, ainda vivo - mesmo após quatro horas do fim do seu prazo -, Daniel já não pensava mais no tempo enquanto falava com entusiasmo sobre o X-men. Entrou em seu "lar provisório" com o compromisso de não contar sobre a sua ameaça. Ele agora era um super-herói na imaginação. Para a segurança do adolescente, a reportagem não pôde acompanhá-lo por mais tempo. Se é impossível saber como foi a "sexta-feira do X-men de 15 anos", Cláudia Aguiar, coordenadora do PPCAAM de Belo Horizonte, afirma que o desafio diário de não perder a esperança de salvar estes meninos é muito compensador. "Um dia uma de nossas funcionárias foi a um restaurante japonês e encontrou um dos meninos que já havia passado pelo PPCAAM trabalhando como sushiman, tocando a vidinha dele, feliz da vida. Foi tão recompensador... É isso que nos dá força." Quanto vale? Daniel tomou banho, vestiu roupa de frio e despediu-se do grupo que, por um dia, salvou a sua vida. Antes de falar tchau, topou escrever em uma folha de caderno quais são seus sonhos. Nas seis linhas abaixo, deixou explícito que não custa caro fazer este menino feliz. Ao mesmo tempo, evidenciou que sua vida não pode valer só R\$ 10. Fernanda Aranda, iG São Paulo

Bilhete escrito por Daniel, 15 anos e ameaçado de morte por dívida no tráfico. [Fonte: IG - Saúde - 29/09/2010] Matérias relacionadas: (links internos)

- » Combate ao Abuso e à Exploração Sexual de Crianças e Adolescentes
- » IHA - Índice de Homicídios na Adolescência
- » PPCAAM/PR - Programa de Proteção a Crianças e Adolescentes Ameaçados de Morte (Paraná)
- » Publicações: Livros, Manuais e Cartilhas Notícias relacionadas: (links internos)
- » (27/05/2014) PPCAAM/PR - Novo formulário de pré-avaliação
- » (19/03/2013) CNMP - Aprovada proposta sobre atuação do MP nos programas de proteção
- » (27/07/2010) PPCAAM/PR - Programa vai proteger crianças e adolescentes ameaçados de morte Download: (arquivo PDF)
- » PPCAAM/PR - Apresentação - Folder
- » PPCAAM/PR - Portas de Entrada (apresentação PowerPoint)
- » PPCAAM/PR - Fluxograma de Procedimentos (apresentação PowerPoint)
- » PPCAAM/PR - Guia de Procedimentos
- » PPCAAM/PR - Formulário de Pré-Avaliação
- » Livro PPCAAM (2010) Referências: (links externos)
- » SDH/PR - Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República
- » SEJU/PR - Secretaria da Justiça, Cidadania e Direitos Humanos do Estado do Paraná